

FERREIRA, Vergílio — Carta ao Futuro, 2.^a ed., Lisboa, Portugal Editôra, 1966, 98 pp.

O autor de *Alegria Breve* apresenta ao público agora a segunda edição desta *Carta ao Futuro*. É o terceiro trabalho ensaístico de V. F. e apresenta algumas coisas curiosas de se apontar. Em primeiro lugar, o interesse provocado pela obra nesta altura prova que realmente trata de assuntos fundamentais da vida e da arte. Em segundo lugar, nota-se que para o romancista, mesmo escrevendo sobre temas gerais, volta e meia envolve-os a ficção. É a presença da criação artística na literatura de idéias de V. F. mostra que constitui a sua maneira de vibrar, de se emocionar com as idéias. A presença aqui ou ali destas notas ficcionais assinala a adesão da arte vergilliana à elaboração das idéias gerais. Digamos que a ficção fortifica e constitui testemunha importante das idéias nesta *Carta ao Futuro*. Ainda o interesse palpitante que oferece esta obra mostra à saciedade que ela não envelheceu nestes oito anos e que talvez seja uma obra que não venha a envelhecer nunca. E qual seria o elemento mais definidor desta permanência e desta atualidade? Em primeiro lugar o fato da obra tratar de problemas importantes da criatura humana e em segundo lugar as correspondentes artísticas desses mesmos problemas. O A. milita dentro do campo de que a criatura deve abrir um diálogo consigo mesma na busca de uma compreensão-limite de seus dramas e de sua condição. V. F. reconhece que as forças que irão redimir o homem estão dentro dele, não são externas a esse mesmo homem. Coloca-se em crise o valor ou mesmo a existência de um Deus ou dos deuses a ampararem e a explicarem a condição humana. Diz, a certa altura, o A.:

Deus regressava assim à primitiva resposta da interrogação dos homens. Mas a grande maioria não acreditou; e Deus reinventou-se-lhes sob a forma secularizada ou burocrática da Natureza, da História, da Ciência, do Chefe. E foi só então, após a vida breve dos seus pobres sucedâneos, que o homem reconheceu definitivamente que Deus tinha morrido (p. 45).

A condição humana além de levar o ensaísta a considerações em torno da existência ou não de Deus, leva-o a pensar em outros problemas vitais do ser: a solidão, a emoção estética, a realidade imediata, a verdade, a memória e a recordação, a interrogação, o humanismo integral, a saudade e tantos outros temas esquecidos do homem, mas de fundamental interesse para sua condição mesmo de homem. V. F. só vê possibilidade da redenção humana, na volta do ser humano para si mesmo e daí deve partir todas as outras idéias ou ações. No fundo é o "cognosce te ipsum", o fundamento desta *Carta ao Futuro*, só que agora auxiliado das amplas possibilidades que a arte oferece para este reconhecimento do homem, esta nova revelação de "si a si mesmo". E as páginas finais do livro são dedicadas a revalorização da arte como uma das vias possíveis à redenção do ser.

O homem não deve ver na arte algo exterior a si mesmo mas algo vivo em que êle se reconhece e se revela. É o próprio A. que afirma, já na altura do fim do livro:

Mas ainda que fôsse possível imaginar um mundo sem arte, sem obras que a exprimissem, jamais seria imaginável um mundo entendido fora do sentimento estético, fora da qualidade emotiva que no-lo explica à nossa relação humana com êle. Porque é dentro da emotividade que o mundo tem sentido, e a verdade humana, e a orientação fundamental de tudo que nos orienta. (pp. 96-97).

Como estamos a ver, o artista não aceita que haja total conhecimento do mundo fora da arte. Esta coloca o homem dentro do mundo e até certo ponto o explica, dentro daquilo que é a emoção, o sentimento, a idéia. Por isso mesmo, a arte constitui o processo emocional de conhecimento do homem naquilo que é mais profundo pois o esclarece de sua situação, da sua condição e das suas limitações humanas.

Há certos aspectos gerais que o ensaísta aceita como presença constante no homem: a angústia, o desespero, a inverossimilhança e a presença de certos absurdos. Pois bem, V. F. afirma que o homem deve refletir profundamente para atingir tais aspectos, presentes, com maior ou menor intensidade em todos os seres. Enfim, nos menores gestos, ou ações o homem deve estar presente a si mesmo, deve procurar em si as forças para a luta, redescobrimdo-se dia a dia nas suas novas facêtas. Quando dizemos que em *Carta ao Futuro* V. F. apela para as energias do homem, independentemente da existência ou não de um Deus, estamos diante de um nôvo humanismo de sentido existencialista. E em certa altura revela o A.:

Só há um problema para o homem, só há uma forma de humanismo: a evidência de uma alegria final nos limites da nossa condição. Até lá admito que tudo seja provisório e ingênuo. Mas que tu a tenhas, ou que, como julgo, se a tiveres, a não possas transmitir, ela seja, na tua aprendizagem, a tua acidental aparição — seria bom que soubesse de que abismos nós a desejamos conquistar, nós soubemos que devia conquistar-se (pp. 33-34).

Por tratar de problemas humanos ligados diretamente à expressão do sentimento estético, em termos de uma redefinição e de uma revalorização da arte e do homem, *Carta ao Futuro* revela-se obra fundamental na caminhada consciente e significativa de um romancista no campo do ensaísmo.

João Décio